

SESSÃO DE ABERTURA DO I ENCONTRO NACIONAL DE SERVIÇOS MUNICIPAIS DE PROTEÇÃO  
CIVIL (PCM2012)

**ALOCUÇÃO INTRODUTÓRIA DO PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DA POVOA DE  
VARZIM**

DR. JOSÉ MACEDO VIEIRA  
Presidente da Câmara Municipal de Póvoa de Varzim

Permitam que, enquanto Presidente da Câmara e enquanto cidadão, a todos saúde, com votos de um bom dia e de uma excelente estadia na Póvoa de Varzim. Estou certo de que este 1º Encontro Nacional de Serviços Municipais de Proteção Civil atingirá plenamente os objetivos que se propõe, mas eu desejo que, independentemente disso, cada um dos participantes sinta que estes dois dias foram pessoalmente gratificantes e tecnicamente enriquecedores.

Quem sabe se, no tocante à dinamização dos Serviços Municipais de Proteção Civil e à sua articulação com os Serviços de nível superior, este Encontro não ficará a marcar um ponto de viragem, assim a modos de “um tempo antes” e “um tempo depois” deste Encontro na Póvoa de Varzim Oxalá! Seria bom para todos.

Atrevendo-me a algumas generalidades, que da especialidade sabem vocês, quero aqui deixar algumas pistas de reflexão enquanto cidadão preocupado (e, obviamente, responsável que também sou, por inerência de funções).

A primeira tem a ver com a necessidade de invertermos a tendência que, nos últimos anos, se tornou visível nas nossas comunidades: os cidadãos abdicam, cada vez mais, de serem responsáveis pela segurança, tudo confiando à administração.

É certo que as profundas mudanças operadas na nossa sociedade exigem especificidade e especialização nas respostas a muitas situações de emergência – que são, elas mesmas, situações novas. Mas é inegável que o combate a muitas situações de emergência continua a estar ao alcance dos cidadãos – e que estes, só quando diretamente

atingidos ou ameaçados, se preocupam, disponibilizam e empenham. Porque, fora dessa situação-limite, procedem como se nada lhes dissesse respeito – e tudo fosse missão, e obrigação, dos Serviços de Proteção Civil, com os Bombeiros locais na primeira linha de responsabilidade.

Falta, nas nossas comunidades, não apenas uma cultura global de segurança, mas, e especificamente, a consciência de que a proteção civil começa em cada um de nós, e de que nós somos, portanto, os seus primeiros e indispensáveis agentes.

Bem sei que vem aí, felizmente, uma geração (a que hoje está nas escolas) com uma formação e uma mentalidade novas. Mas a geração que atualmente se encontra no activo económico e social é, a este respeito e de um modo geral, uma geração demissionária quanto a estas questões.

Longe de outrora, nos tempos em que, perante a eclosão de um fogo, logo alguém tocava a rebate o sino da freguesia e todos acudiam a combater. É que o povo sabe, por velha experiência, que o segredo do êxito está na prontidão do combate. Essa disponibilidade, infelizmente, perdeu-se, no meio de políticas que conduziram ao abandono das terras e à desvalorização dos produtos florestais.

A reflexão que coletivamente se impõe, facilitada (ou imposta) pelos tempos de emergência que vivemos, deve levar-nos à valorização dos nossos recursos naturais e à consciencialização da sua importância ambiental e social, ou seja, à consideração do território como o primeiro e principal recurso do país, objetivo em que devem convergir políticas sectoriais até agora dispersas e conflitantes.

A consciência da importância do território é condição de base para que os cidadãos o sintam como seu e o defendam.

Creio, do mesmo modo, que cada incêndio florestal, é (tem sido – e não deveria ser) uma oportunidade perdida para que na área atingida se pratique uma reflorestação tecnicamente adequada às condições edafoclimáticas e se organizem os proprietários para que façam efetiva gestão florestal, que tem de ser conjunta. Se nada se fizer, o país continuará condenado a arder, à inteira disposição dos incendiários. Se esta revolução se fizer, e para tanto será necessária uma geração, o país passará a estar estruturalmente preparado para não arder, porque as matas serão de fácil limpeza e os recursos florestais que nelas crescerão, com clara preponderância das espécies endógenas, serão economicamente valorizadas.

Bem sei que os incêndios são apenas uma das áreas em que se desdobra a atenção dos agentes da Proteção Civil – e os incêndios em áreas florestais têm, todos os anos, a

dimensão e as consequências trágicas que se lamentam, não raro marcadas pela perda de vidas humanas.

Sei que a vossa ação, e a vossa permanente formação, se orientam para várias outras áreas de emergência, de causas naturais ou provocadas pelo ser humano.

E sei que boa parte deste trabalho que visa a segurança da comunidade é exercida por voluntários – gente que, a troco apenas da sensação de ser útil ao próximo, arrisca a própria vida. Este valor é um ativo valiosíssimo, expressão de uma marca solidária em que, como povo, somos insuperáveis.

Votos de bom trabalho.

E voltem sempre, a esta cidade que vos acolhe de braços abertos.